

O Boulevard da República na baía do Guajará: porta de entrada da Amazônia de uma nova fachada

Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes

Universidade da Amazônia (UNAMA), Belém, Pará, Brasil
Pós-Doutoranda em Arquitetura – Universidade de Lisboa, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0002-8345-3528>

E-mail: marcianunes2011@gmail.com

Resumo: Este artigo trata da urbanização às margens da Baía do Guajará, na modificação da paisagem urbana entre os séculos XIX e XX, após diversos aterramentos para transformação no *Boulevard da República*. Um *Boulevard-cais* que está inserido na modernidade de sua época sendo equipado com materiais e edificações carregadas de significados, trouxe à cena não somente os paralelepípedos e o concreto, mas, sobretudo, os trabalhadores, os passantes da cidade, conferindo uma nova identidade à cidade em frente a pequenos negócios, lojas de diversos comércios e novos equipamentos urbanos. Por meio de Relatórios da Intendência, arquivos de fotografias, jornais, álbuns de fotografias, almanaques e fontes de diversos órgãos essa comunicação visa reconfigurar a fachada do *Boulevard da República* permitindo chegar ao desenho final das quadras com suas edificações e seus usos. Assim, atribuindo à cidade uma nova fachada, permitiu que o IPHAN fizesse posteriormente um tombamento surpreendente: o primeiro tombamento de uma fachada de cidade no Brasil onde reconhece a importância de uma fachada especial.

Palavras-chave: *Boulevard*; Modernidade; Urbanização; Memória; Identidade; Tombamento.

The Boulevard of the Republic in the Guajará Bay: gateway of the Amazon in a new front

Abstract: This article deals with urbanization on the banks of the Guajará Bay, in the modification of the urban landscape between the 19th and 20th centuries, after several grounding stoolands for the transformation of the *Boulevard da República*. A *Boulevard-pier* that is inserted in the modernity of its time being equipped with materials and buildings loaded with meanings, brought to the scene not only the cobblestones and concrete, but, above all, the workers, the passing parties of the city, conferring a new identity to the city in front of small businesses, shops of various shops and new urban equipment. The methodology used for the reconfiguration of buildings on the *Boulevard da República* was research ed with archives of photographs, newspapers, almanacs and sources from various agencies that allowed to reach the final design of the blocks with their buildings and their uses. Thus, attributing to the city a new façade, allowed IPHAN to make later a surprising tipping: the first tipping of a city façade in Brazil where it recognizes the importance of a special façade.

Keywords: Boulevard; Modernity; Urbanization; Memory; Identity; Tipping.

Texto recebido em: 15/09/2018

Texto aprovado em: 29/11/2019

Modernidade e paisagem urbana entre os séculos XIX e XX

Porta de entrada da Amazônia, vista da Baía do Guajará, a paisagem emblemática da Província do Grão Pará, será modificada no decorrer do período de 1864 a 1914, com a exportação da *sernamby*¹ devido à explosão da indústria automobilística, no início do século XX, onde neste período Belém sofre um acelerado processo de urbanização, renovação arquitetônica e artística. Um período conhecido por *Belle Époque*, período de paz na Europa, onde o capitalismo se expandiu no mundo inteiro e Belém foi uma das importantes cidades do norte do Brasil que alcançou *status* dessa modernidade em virtude da progressiva extração da borracha, e, segundo Aldrin Figueiredo “o porto mais importante por onde essa mercadoria seria escoada era Belém. Assim, ali se instituíram financiadoras, exportadoras, bancos ingleses e americanos e muitos trabalhadores estrangeiros” (FIGUEIREDO, 2004, p. 25). Dessa forma, a avenida, o *Boulevard da Republica*, será inserido na modernidade² do período republicano, numa cidade necessitando acima de tudo, de um cais e de uma rua que se conecte com o rio, preparada para receber o progresso numa das áreas da cidade que passará por maiores e mais radicais transformações na sua configuração espacial.

258

Falar de modernidade, nos remete a Jacques Le Goff que identifica os termos “modernismo”, “modernização” e “modernidade” como uma herança histórica da querela acerca da dualidade antigo/moderno. Segundo o referido historiador, “a Revolução Industrial vai mudar radicalmente os termos da oposição no par antigo/moderno, na segunda metade do século XIX e no século XX” (LE GOFF, 2003, p. 185). A modernidade, a partir da segunda metade do século XIX, apresenta-se como um conceito intimamente relacionado à estética, a mentalidade e aos costumes de uma dada sociedade. O próprio termo “modernidade” é lançado por Baudelaire na década de 1860, que, segundo Le Goff, “dá ao significado de moderno uma nuance que o liga aos comportamentos, costumes e decoração”. “Cada época”, diz, “tem o seu porte, o seu olhar, o seu gesto” (LE GOFF, 2003).

Pensando o rio e a paisagem, foi importante voltar às leituras de autores que alargassem a compreensão da paisagem urbana. Para Max Sorre (1962, p. 15), na obra *El paisaje urbano*, a paisagem urbana expressa o conjunto de elementos que influíram na formação e no crescimento da cidade localizada em determinado sítio. O autor entende que o desenho da paisagem não foi baseado no traçado dos cursos d'água, mas teve de adaptar-se à rede natural que delineavam, cumprindo os rios

assim seu papel de obstáculo, bem como todos os terrenos lindeiros a eles, baixos e inundáveis.

Milton Santos em *Metamorfoses do espaço habitado* conceitua a paisagem de duas formas: paisagem natural e paisagem artificial.

A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente não existe mais. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de atores. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial (SANTOS, 1988, p. 23).

Na obra *Pensando o espaço do homem*, Milton Santos menciona que paisagem é, evidentemente, uma produção humana, caracterizando-se como um conjunto de elementos/objetos interligados:

A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade (SANTOS, 1997, p. 35).

Sob o olhar dos geógrafos paraenses notamos que a questão de paisagem é tratada com diferentes abordagens. No texto de Oliveira Júnior (2015, p. 572) *Amazônia: paisagem e região na obra de Eidorfe Moreira* é explicado que no Brasil, o momento que marca a obra de Eidorfe Moreira é o período da Geografia Clássica, mais conhecida como Geografia Tradicional. Duas categorias são de supra importância para esta escola – a região e a paisagem. Nas primeiras décadas do século XX, o mundo ainda era lento e vivia basicamente como no também lento século XIX, onde as paisagens tinham um tempo de permanência maior, com pequena alteração, devido à escassez de instrumentos técnicos e tecnológicos capazes de transformá-las aceleradamente, como viria a ocorrer a partir da segunda metade do século XX. Esse processo alterou paisagens, nações e civilizações em uma velocidade proporcional ao avanço da tecnologia, fundamentada, agora, no eixo técnica-ciência-informação.

Quase sempre associada à natureza, a paisagem reflete um conjunto de elementos humanos que modificam e produzem paisagens através de sua história e de seus modos de vida. Objeto de estudo desde o século XIX, a paisagem é fundamental para o entendimento dos aspectos geográficos de um lugar. (...) na sua leitura da Amazônia como paisagem, ele destaca a planície, o rio, a floresta, o clima e o homem, como os elementos que a compõem, que se confundem com a região. O rio assume o papel de protagonista desta grande paisagem, onde 'assume tanta importância fisiográfica e humana (...), onde tudo parece viver e definir-se em função das águas: a terra, o homem, a história (...). O rio condiciona a vida' (MOREIRA, 1960, p. 63).

Antônio Penteado em sua obra *Belém do Pará: estudo de geografia urbana* apresenta as condições pela morfologia do sítio de Belém dentro de uma paisagem natural, dominada pela presença do grande Golfão Amazônico, tendo por sítio parte do espaço localizado entre a baía de Guajará e o rio Guamá:

Belém oferece aos olhos do geógrafo a localização muito amazônica, das cidades de confluência: seu sítio urbano lembra também o de uma cidade península fluvial, graças a estar a ponte de terra, em que se acha edificada, comprimida entre o Guamá e a baía de Guajará; na realidade, entretanto, Belém se acha sobre terraços, resultante do entalhamento processado pela rede de drenagem local, em uma cobertura sedimentar não muito resistente (PENTEADO, 1968, p. 43).

Eidorfe Moreira em sua obra *Belém e sua expressão geográfica* (1966, p.13) fala especificamente de Belém sob três distintas formas de paisagens: paisagem histórica, paisagem natural e paisagem urbana. Sobre a *paisagem histórica* ele inicialmente afirma que como quase todas as cidades brasileiras, Belém brotou diretamente da paisagem e da história. Pode-se dizer mesmo que, pela alta significação histórica e geográfica dessa fundação, bem como pelo arrojo e decisão com que foi levada a efeito, ela constituiu uma das páginas marcantes e decisivas da expansão lusa na América do Sul. É na Amazônia, com efeito, que o Brasil se extremou em sua dilatação para o oeste, formando os contornos do seu mais largo e profundo arco de projeção continental. Ora histórica e ora geograficamente considerada, Belém foi a base, o fulcro, o centro de irradiação de toda essa imensa conquista territorial. O Forte do Presépio, *caput* do burgo incipiente, foi também o quartel general de toda a fase inicial da conquista amazônica (MOREIRA, 1966, p. 21-22). Resultaram os dois primeiros bairros da cidade, um em função do campo de influência do Guamá, *a Cidade*, outro em função do campo de influência da baía ou do estuário, *a Campina*. Assim pode-se dizer que o Forte do Presépio se revestia de

tríplice aspecto: histórico por ser o Forte o nascedouro da cidade; geográfico por constituir seu trecho ou lugar mais saliente e aprazível e, geométrico por representar seu ponto focal, tanto como centro de referência como de irradiação.

No que se refere à *paisagem natural*, Eidorfe Moreira na mesma obra, afirma que no estudo da região belemense – Belém e seus arredores – o primeiro acidente geográfico a considerar é a faixa ou projeção de terra em que se acha a cidade. Essa faixa de terra não tem realce paisagístico próprio. Em grande parte, a sua expressão paisagística se confunde com a cidade, pois é esta que aparece e avulta no cenário:

Belém não deve às águas apenas uma parte de sua beleza, mas a sua própria modelação. Não só no plano geométrico, como no plano histórico, a água é o elemento dinamizador da cidade. Se a saliência ou projeção de terra em que ela se encontra é o centro focal da paisagem pelo grau de concentração humana que encerra, o rio constitui o elemento mais expressivo e importante sob o ponto de vista fisiográfico. Nele reside a animação do quadro, pois o rio é movimento, é comércio, é sociabilidade. Num sentido mais restrito e particular, “rio” designará a baía do Guajará e o rio Guamá, pelas suas relações mais diretas e imediatas com a cidade. Desses dois acidentes hidrográficos a baía é o que mais tem influído na vida da cidade. Do seu lado estão a zona comercial e fabril, o porto e a base naval. O próprio crescimento da urbe se faz sentir mais ativamente desse lado do que do lado do Guamá (MOREIRA, 1966, p. 63-64).

E, por último, sobre a *paisagem urbana*, comenta Eidorfe Moreira que o estudo geográfico das cidades não é interessante apenas pelo lado de vista das relações que elas têm com as regiões em que se encontram, mas também sob o ponto de vista de seu traçado e do seu perfil, isto é, como formas de ocupação do espaço e como expressões individualizadas.

A cidade brotou diretamente do solo raso e plano, sem outro reforço geográfico a não ser o da sua esplêndida moldura hídrico-botânica engrandecendo os efeitos cênicos da urbe. No que respeita a vista da cidade como área edificada ou conjunto arquitetônico, sua expressão varia consideravelmente de acordo com os planos e ângulos de observação. Observada da baía, a cidade impressiona melhor do que pelo lado do Guamá, por ser mais larga, permitindo maior abrangência visual, sendo vista de frente e com suas melhores edificações, tornando o efeito cênico do conjunto mais interessante (1966, p. 131).

Mas não é da baía nem do rio que se vê melhor a cidade: é do alto. Só do alto podemos ver a cidade em sua plenitude e organicidade, isto é, em sua estrutura, em seu ritmo, e sua unidade vital. Só daí podemos compô-la e decompô-la em suas unidades cênicas ou estruturais, observar com nitidez seu movimento e sua animação, as linhas gerais de seu traçado, o arranjo de sua arborização e

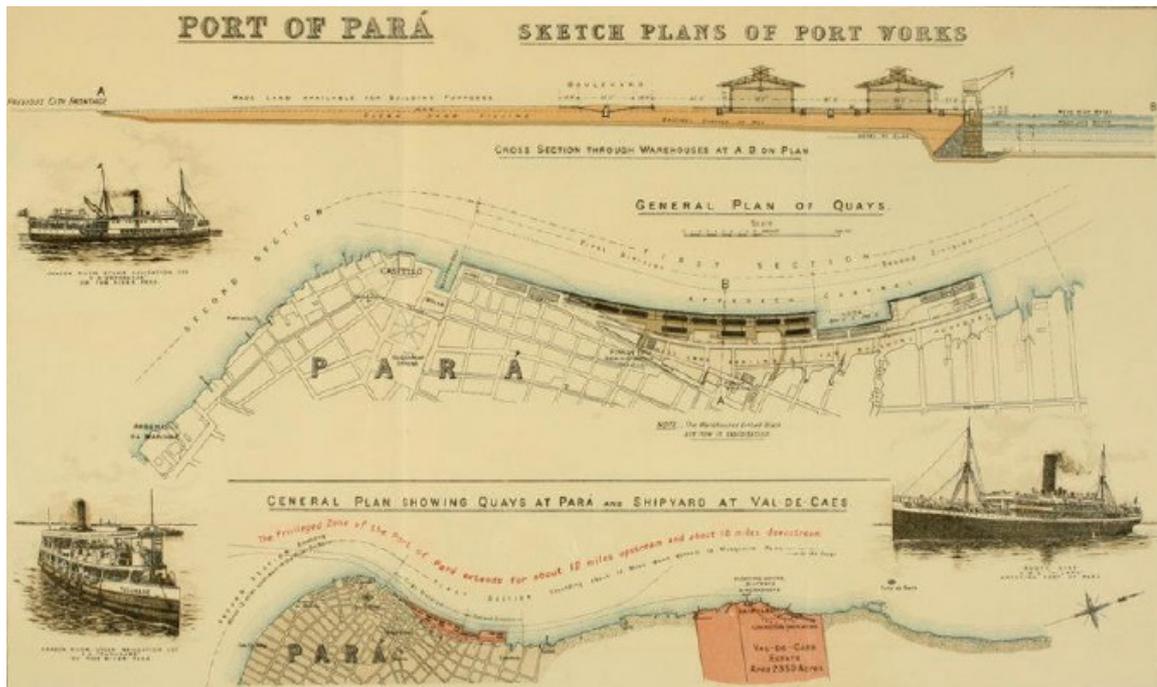
sobretudo o panorama da sua esplêndida moldura hidrico-vegetal (1966, p. 133).

Dessa forma, sendo a paisagem evidentemente uma produção humana, e, sendo o rio a porta de entrada da Província do Grão Pará, a importância de analisarmos a espacialidade dessa rua, que virá a fazer parte dessa paisagem no início do século XX, está no fato de podermos identificar a dimensão da vida cotidiana presente em suas formas, uma vez que ela representa a espacialidade das relações sociais.

As edificações e equipamentos do Boulevard da República

Na última década do século XIX, o Governo Federal resolveu enfrentar o problema: a borracha iria dar a Belém um porto, como sua importância econômica requeria. Em 1906 o poder legislativo autorizou a concessão desses melhoramentos ao Eng. Percival Farquhar³ através do Decreto nº 5.978 de 18 de abril de 1906. Num artigo sobre o Porto de Belém, escrito por *Albert Hale*, publicado no *Bulletin of Pan America*, de 1912, o Plano de Obras Portuárias dividido em três imagens onde se observa o traçado no litoral das 1ª e 2ª secções das etapas da obra, conforme havia sido discriminado no jornal Folha do Norte.

Na análise do mapa abaixo, retirado do referido artigo sobre o Porto de Belém, percebemos três níveis de detalhamentos: a) no primeiro plano, vemos um corte transversal iniciando no sentido da cidade, onde percebemos toda a nova área aterrada na cor laranja – um corte do *boulevard*, terminando nos armazéns, o guindaste e a nova murada do cais próxima a Baía do Guajará; e b) no segundo plano a área a ser aterrada com seus galpões; e, c) terceiro plano um detalhamento aumentado da área do porto no mapa da cidade mostrando, na cor vermelha, a área do novo aterro que fará parte do complexo do Porto de Belém. Esse aterro toma parte do *Boulevard da República* ampliando-o em uma bifurcação até a Rua 15 de Agosto e percorre o cais no sentido Pinheiro na abertura de uma nova via a ser denominada de *Boulevard Marechal Hermes*.



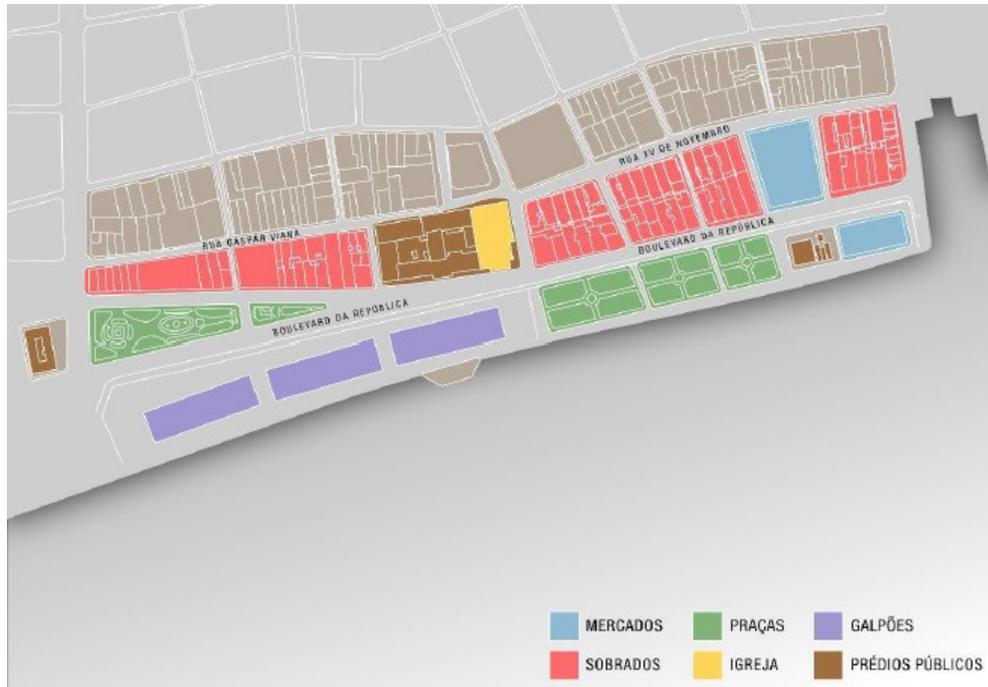
Fonte: HALE, A. Port of Pará. *Bulletin of the Pan American Union*, Washington, v. 35, p. 682-698, jul. 1912.

Figura 1

Esboço do Plano de Obras Portuárias

Dentro desse projeto surge então um *boulevard-cais* que vai permitir a importante ligação comercial da cidade com os maiores centros de desenvolvimento do mundo – a Europa e os Estados Unidos. O projeto do *Boulevard da Republica* foi elaborado por Farquhar e pelo engenheiro Pearson, e em paralelo acatavam as solicitações e normas da Comissão Fiscal das Obras do Porto pela Intendência Municipal, na qual Antônio Lemos⁴ indicou o Sr. Joaquim Gonçalves Lalôr para fiscal das obras, nomeado pelo Ministério da Viação (A Província do Pará, 28 de abril de 1906, p. 1).

O *Boulevard da República* era constituído inicialmente por oito quadras, do lado direito e, após a construção do porto, acrescidos 300.000m² de aterro, passa a ter em sua totalidade doze quadras – acrescentando quatro novas quadras do lado esquerdo. Inseridas naquele momento, dentro dos padrões de embelezamento, comportamento e estética de Antônio Lemos, a figura 2 representa e identifica os tipos de edificações que constituíram o *Boulevard da Republica*.



Fonte: M2N Arquitetura Ltda.

Figura 2
Boulevard da República e suas edificações

Sob o signo da valorização do ouro negro construíram-se mais sobrados, entre eles os de dois, três ou quatro andares da vistosa coleção do *Boulevard da República*, os quais obedecem ao critério lusitano: mestres de obras e proprietários portugueses atraídos a Belém pelos altos negócios da borracha, acharam de renascê-los na cidade, como se quisessem mantê-la, íntegra, nas tradições lisboetas. Porém o francesismo invadira Belém. Junto com o portuguesismo, e mesmo isolado, iria ser uma influência constante na arquitetura (TOCANTINS, 1963, p.109). Abaixo, um pequeno parágrafo a respeito da visão do Intendente Antônio Lemos quando de suas exigências na modernização e embelezamento da cidade, incluídos dentro de seu Código de Polícia:

A regularização da EDIFICAÇÃO entre nós, desde o *litoral* até os *limites suburbanos*, e ainda daí por diante, quanto possível, é assunto que está reclamando a vossa esclarecida e criteriosa atenção. O que explica por exemplo, a exigência contida no artigo 88, do Código de Polícia, quanto à construção obrigatória de CASAS DE SOBRADO em um largo perímetro da cidade? Uma capital como Belém, que precisa de ser largamente banhada de ar e luz, não deve manter semelhante exigência. Basta o horror dos trapiches do litoral e aqueles escandalosos BARRACÕES em frente Alfandega, para o

O Boulevard da República na baía do Guajará: porta de entrada da Amazônia de uma nova fachada

serviço dessa repartição, tudo com prejuízo da estética e da higiene, a interceptarem a liberdade dos ventos gerais que caem sobre a cidade (BELÉM, 1902, p. 96-97) (grifo da autora).

As quadras do lado esquerdo são quadras que totalizam 46 sobrados ecléticos. São sobrados construídos anteriormente a 1900 com sua implantação no lote apresentando-se alinhada ao passeio. Dessa forma, as edificações aparentemente passaram pelo processo a que se poderia chamar ecletização: sua conformação anterior teria sido alterada para que sua forma externa fosse adequada aos padrões de ordem e de estética impostos pela Intendência Municipal. Esta é possivelmente a situação de algumas edificações do *Boulevard da República*. Proibindo a projeção dos telhados sobre as calçadas, Lemos introduz a platibanda, elemento arquitetônico responsável pela ecletização dos prédios, que perdem suas características coloniais ao serem ornamentados com um novo gosto, em novas formas decorativas (DERENJI, 2009, p. 103). Pelo novo código, a obrigatoriedade de construir platibandas em todas as fachadas, não só nas novas construções, mas também nas que fossem consertadas ou pintadas, modificou completamente a fisionomia da cidade, fazendo desaparecer os beirais e introduzindo uma série de equipamentos, em geral importados, para as soluções dos problemas de águas pluviais: calhas, tubos de descidas de água, gárgulas, etc. Uma das boas tradições lusas introduzidas em Belém, por volta de 1840, ou talvez um pouco antes, foi o azulejo. Generalizava-se nessa capital a técnica do revestimento cerâmico das fachadas, copiando Lisboa.

O ferro que é o grande responsável pela introdução das inovações da Revolução Industrial, se imiscui em quase todas as obras de vulto. Estruturas em ferro são incorporadas ao tecido urbano em grandes edifícios, como mercados, estações de estrada de ferro e reservatórios de água, e até mesmo em residências. Também pavilhões internos e externos, mobiliário urbano e elementos compositivos, como colunas ou escadarias, começam a fazer parte da arquitetura de Belém (DERENJI, 2009, p. 93). Inaugurado no dia 1o de dezembro de 1901, montado pela empresa de Bento Miranda, Raimundo Viana, *João Luiz de La Rocque*, *Augusto de La Rocque*, Antônio José de Pinho e Manoel Miranda, surgiu antes da construção do porto no *Boulevard da República*, um importante equipamento urbano: o Mercado de Ferro. Edifício eclético, construído predominantemente em ferro, que apresenta elementos de composição arquitetônica de linguagem clássica, como eixo de simetria, fachadas simétricas, equilíbrio na relação entre cheios e vazios e

disposição ritmada dos vãos em arcos. Esteticamente, as fachadas ressaltam a influência do *Art Nouveau*, definidora dos motivos decorativos existentes, como as molduras nos arcos dos vãos, e os adornos sinuosos e frisos na platibanda do mercado. A volumetria regular dessa construção, cujo grande salão tem elevado pé direito, é interrompida por quatro frontões sobre os acessos principais e que seguem as linhas de contorno das fachadas; e acentuada pela verticalidade provocada pelas quatro torres cujas coberturas piramidais são revestidas por telhas de zinco.

Na virada do século XIX para o XX, o antigo Mercado Municipal já não acolhia a demanda exigida. É então que sofre uma reforma e em 1908 é inaugurado o segundo pavimento além de pavilhões internos em ferro fundido decorados artisticamente. Esta ferragem era procedente da Companhia *Mac Farlane*, de Glasgow, na Escócia. O local recebeu o nome de Mercado Francisco Bolonha⁵ homenagem ao engenheiro responsável pela reforma e ampliação – Francisco Bolonha (1872-1938) – que foi também quem respondeu por diversas obras que se evidenciam em Belém. Estas edificações foram todas construídas no mesmo período denominado de *Belle Époque* – fins do século XIX e início do XX – no qual a cidade passou por um crescimento urbano acentuado, tudo à custa do “ciclo” da borracha na região.

Antigas edificações de imenso valor histórico são a vetusta Igreja das Mercês e o Convento dos Mercedários, de arquitetura barroca data de 1640 a qual assistiu a inúmeros conflitos e aterramentos. A Recebedoria de Rendas encontrava-se instalada ao lado do Mercado de Peixe juntamente com seu prédio anexo. Nela funcionava na parte térrea a Redação e Officina do Diário Oficial.

Outro conjunto de edifícios importantes são os Armazéns 1, 2 e 3 do Porto de Belém, que fazem parte de um grande plano de aterramento e modernização do porto de Belém, realizado pela *Port of Para*, através do engenheiro *Percival Farquhar*. Os Armazéns fabricados pela empresa francesa *Schneider e Cie*, foram trazidos a Belém em 1909, e possuem estrutura metálica. Cada armazém possui 120 metros de comprimento por 20 metros de largura, modulados na direção longitudinal de 8 em 8 metros. Nas construções desse período já se pode visualizar tendências distintas: uma seguindo as características do pleno eclético – cópias de estilos históricos em projetos resolvidos com profusão de ornatos; outra, embora ainda copiando a arquitetura europeia, seguindo uma linha despojada que prenuncia o modernismo.

Reconfiguração das edificações e seus usos

O objetivo dessa reconfiguração é reconstituir imagens perdidas de uma paisagem, e espera-se que cada leitor ao observá-las, possa conhecer as edificações e estabelecimentos que faziam parte no Boulevard, o que era vendido, reconhecer quais as pessoas que faziam parte do dia-a-dia da cidade como comerciantes, vendedores e compradores. É sentir o *frisson*, o movimento, a nova forma de viver numa cidade dita “civilizada”.

Para a reconfiguração das edificações do *Boulevard da República* no período da construção do porto, de 1906 à 1914, foi executada uma série de pesquisas junto aos Relatórios da Intendência, arquivos de fotografias, jornais, álbuns de fotografias, almanaques e fontes de órgãos da FUMBEL, IPHAN e SECULT que permitiram chegar ao desenho e montagem final das referidas quadras com suas edificações e seus usos. As quadras serão apresentadas individualmente constando suas edificações, numeração de porta, nome do estabelecimento e o nome do proprietário. Essa reconfiguração tem função de montar um quadro sinóptico dessa época do *Boulevard da República*, onde em razão das lacunas da pesquisa, não existe o compromisso de verossimilhança nem de documentação histórica sobre as fachadas.

Como um dos mais importantes fotógrafos e naturalistas que atuaram no Brasil no final do século XIX, o alemão *Georg August Eduard Hubner*, retornou definitivamente ao Brasil, em 1897, trabalhando inicialmente em Belém com o editor *Arthur Caccavoni*⁶ (1899) na ilustração fotográfica de seus álbuns: *Álbum Descritivo Annuário dello Stato del Pará* (1898) e *Álbum Descritivo Amazônico* (1899). Nesses álbuns⁷ é possível visualizarmos através das fotografias alguns desses estabelecimentos localizados nos sobrados de dois ou três pavimentos que ornavam as ruas do *Boulevard da República* e seu entorno, onde na maioria das vezes a propriedade funcionava como casa comercial e residencial. Alguns sobrados apresentados ainda não haviam passado pela reforma de suas fachadas (SCHOEPP, 2005, p. 48).

Nos jornais, álbuns e almanaques onde os estabelecimentos foram pesquisados, percebeu-se que não foi atribuído o número da fachada correspondendo aos lados pares e ímpares e a desordem na numeração, e em muitos casos, a repetição e descontinuidade dos números. Problema que foi

detectado por Antônio Lemos em seu Relatórios da Intendência de 1907 e que, no ano de 1909 ainda não havia sido resolvido, justificando assim, na reconfiguração, não ser atribuída a numeração obedecendo aos números pares no lado direito e os números ímpares no lado esquerdo do *Boulevard*, partindo na ordem crescente no sentido Mercado do Peixe à edificação da Companhia *Port of Pará*.

Como fontes de pesquisas dos comércios existentes no *Boulevard da República* foram analisados: Almanach Paraense (1906), Álbum Descritivo Anuário Amazônico de Arthur Caccavoni, Indicador Ilustrado do Estado do Pará, Álbum Belém da Saudade e Marcas do Tempo: registros das marcas comerciais do Pará. Complementarmente, estão colocadas em baixo de cada edificação todas as informações obtidas sobre aquele estabelecimento, encontradas nos almanaques ou anúncios de jornais e revistas: seguindo-se do número da porta, da denominação do estabelecimento, do produto vendido e o nome do proprietário. Dessa forma, são comprovadas as afirmações sobre a importância do comércio nesse *Boulevard* no contexto social e cultural da época.

Outro problema encontrado para reconfiguração das edificações foi com relação a colocação das cores nas fachadas. Como recuperar imagens desaparecidas, cujas cores reais nunca foram definitivas, já que antes, as famílias tinham o hábito de fazer constantes e contínuas reformas e recuperações de suas casas, e a pintura com tonalidades da moda foi um costume da família brasileira. Predominavam as tonalidades de amarelo e marrom, o branco e o cinza, e eventualmente, verde, vermelho e azul. Antônio Lemos irritava-se com o gosto de pintura dos proprietários: “Pensam outros que a nota suprema reside na reunião de todas as cores do prisma ao longo dos frontispícios de suas casas, estapafúrdia de exibição policrômica do mais genuíno mau gosto” (BELÉM, 1905, p. 121). Além dessas informações serão identificadas na reconfiguração as casas que possuem suas fachadas azulejadas, sendo colocado 1/4 do azulejo no alto da edificação. Os desenhos das edificações foram todos pintados por meio de processo gráfico em computador, de modo a permitir ao leitor imaginar o aspecto do *Boulevard da República* em seu período de esplendor, na *Belle Époque*, tempos que ao longo da via, alinharam-se os principais estabelecimentos comerciais da cidade e, portanto, abrigo das maiores fortunas da cidade, cujos proprietários utilizaram em suas moradias, tanto na arquitetura como no paisagismo, o que de maior vanguarda havia.

Figura 3

Reconfiguração das edificações nas quadras do Boulevard da República: Q-1, Q-3, Q-4, Q-5, Q-7 e Q-8 sobrados; Q-2 Mercado da Carne, Q-6 Igreja das Mercês, Q-9 Mercado do Ferro e Recebedoria de Rendas, Q-10 Logradouros Públicos e Q-11 Armazéns

Quadra 1

Quadra predominantemente constituída por sobrados. Vários e distintos são os usos desses sobrados: a) habitação mista, onde no térreo o uso é comercial e nos demais pavimentos uso residencial, como é o caso das Casas Importadoras e Exportadoras A. F. D'Oliveira & C^a, Castro Ramos & C^a; b) o uso institucional privado, como é o caso da Casa Marcelino na venda de secos e molhados na parte inferior e no andar superior Loja de Comissões e Consignações e, d) apenas uso comercial como a Casa do Povo na venda de fazendas e miudezas. Situada entre a TV da Companhia e a TV Ocidental do Mercado.



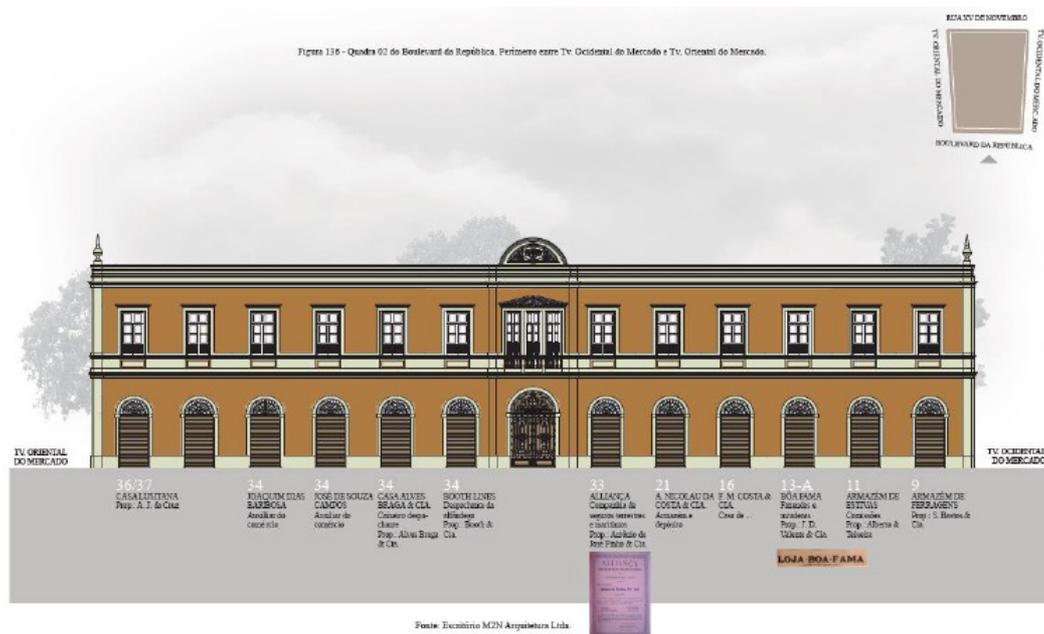
Fonte: M2N Arquitetura Ltda.

Figura 4

Reconfiguração das edificações Quadra 1

Quadra 2

Situada entre a TV Ocidental do Mercado e a TV Oriental do Mercado funcionava a quadra do *Mercado de Carne Francisco Bolonha*. Ali eram comercializados produtos que merecem destaque como a carne vermelha, o peixe, aves, frutas, hortaliças, legumes e a famosa farinha d’água, “gêneros de primeira necessidade, (...) aos quais se limita quase exclusivamente a alimentação pública”. Produtos esses vendidos no pátio central do Mercado construído em ferro no estilo *art nouveau*, estilo europeu “desfraldado na última década do século XIX” baseado numa “nova sensibilidade para o desenho e para as capacidades inerentes de cada material” (GOMBRICH, 2008, p. 535). Na edificação neoclássica, edifício em volta desse pátio central, funcionavam 48 lojas externas com diversas atividades comerciais. Os estabelecimentos externos eram independentes do Mercado da Carne, não faziam parte do complexo do mercado. Eram casas com função de comércio no pavimento térreo e moradia no pavimento superior. Vários eram os comércios nessas portas: armazéns de ferragens, armazéns de estivas, Fazendas e Miudezas, Companhia de Seguros, Despachante da Alfândega, Auxiliar de Comércio e Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres. Todas as lojas externas, naquela época, eram de propriedade de portugueses que vieram ganhar a vida no Brasil.



Fonte: M2N Arquitetura Ltda.

Figura 5
Reconfiguração das edificações Quadra 2

Quadra 3

Quadra situada entre a TV Oriental do Mercado e a TV Padre Eutíquio. Constituída de sobrados comerciais e residenciais, onde a parte residencial funcionava no 2º pavimento. Sobrados de dois pavimentos e apenas um de três pavimentos. Belém era o principal entreposto comercial do negócio da borracha e por conta disso era ligada a parceiros comerciais de grande porte como as casas exportadoras, nas quais três casas exportadoras⁸ detinham, em geral, a metade das grandes exportações amazônicas, sendo o restante dividido entre firmas menores, quase todas estrangeiras. Casas de Comissão e Consignação, De Lagotellerie na venda de cacau, castanha, couro, penas de garças, óleo de copaíba e outros gêneros.



Fonte: M2N Arquitetura Ltda.

Figura 6
Reconfiguração das edificações Quadra 3

Quadra 4

Quadra situada entre TV Padre Eutíquio e TV Campos Sales. Sobrados comerciais e de grande movimentação, como Banco do Norte do Brasil, Casas

O Boulevard da República na baía do Guajará: porta de entrada da Amazônia de uma nova fachada

Exportadoras, Companhia Paraense de Navegação à Vapor, A Equitativa na venda de seguros de vida e Casas Importadoras.



Fonte: M2N Arquitetura Ltda.

Figura 7
Reconfiguração das edificações Quadra 4



Fonte: M2N Arquitetura Ltda.

Figura 8
Reconfiguração das edificações Quadra 5

Quadra 5

Situada entre TV Campos Sales e a TV Frutuoso Guimarães, sobrados comerciais como Amazon Steam Navegation, Guarda Livro, Casa Importadora e um sobrado destinado a habitação coletiva com uso de hotelaria denominado Hotel Europa e a grande firma de Seguros Garantia de Saúde da Amazônia.

Quadra 6

Quadra situada entre a TV Frutuoso Guimarães e TV Leão XII. Quadra secular, onde se encontra a vetusta *Igreja das Mercês* e o *Convento dos Mercedários*. De arquitetura barroca com frontaria em perfil convexo e estilo rococó, esse monumento sofreu várias intervenções registradas no convento e inúmeras ocupações distintas foram efetuadas desde sua origem como, por exemplo, a Alfândega, o Arsenal de Guerra, a Casa do parque, Guardamoria, Correios, Delegacia do Serviço do Patrimônio da União, Recebedoria Provincial, e a partir do início do século XX abrigou a Delegacia do Imposto sobre a Renda, Delegacia do Tesouro, Posto de Defesa Sanitária Vegetal, Secretaria da Fazenda do Pará, entre outros (FERRAZ, 2000, p. 49).



Fonte: M2N Arquitetura Ltda.

Figura 9
Reconfiguração das edificações Quadra 6

Quadra 7

Quadra situada entre a TV Leão XIII e a TV 1º de Março. Nessa quadra começa a configurar usos com habitação coletiva destinados a hotelaria. Grande era a necessidade de vários estrangeiros e comerciantes se hospedarem para realizarem negócios e desenvolver suas atividades de trabalho contratados pela Intendência e pelo Governo. Inicialmente os hotéis da cidade funcionavam em edificações originalmente construídas para residências familiares que eram arrendadas e adaptadas para funcionar como meio de hospedagem, devido à carência de lugar para instalar o novo negócio, como o Hotel do Comercio. Além dos hotéis tem-se a presença de casas comerciais importantes como a Casa Thomas Greaves, a Booth Line e na esquina o terreno da família Paulo Maranhão, que logo em seguida a esse período apresentará a Folha do Norte, um importante jornal da cidade.



Fonte: M2N Arquitetura Ltda.

Figura 10

Reconfiguração das edificações Quadra 7

Quadra 8

Quadra situada entre a TV 1º de Março e a TV 15 de Agosto. Constituída de 11 sobrados de três pavimentos e 01 com dois pavimentos com funções comerciais e habitações coletivas. Nessa quadra foram constatadas apenas cinco empresas. Situava-se a sua frente uma praça triangular.

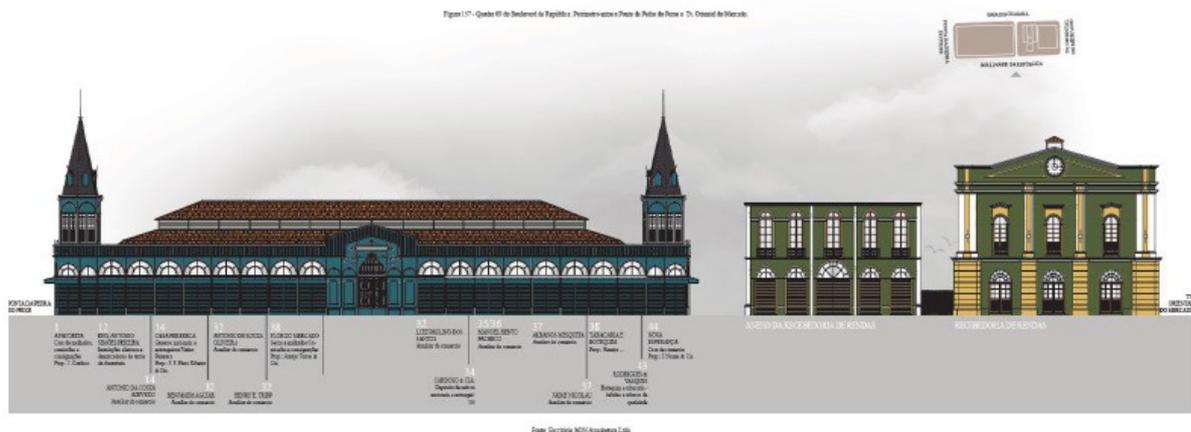


Fonte: M2N Arquitetura Ltda.

Figura 11
Reconfiguração das edificações Quadra 8

Quadra 9

Quadra situada na Ponta da Pedra do Peixe e TV Oriental do Mercado. Quadra de intenso movimento, por estar nela situado o Mercado do Peixe e a Recebedoria de Rendas. Ao redor do Mercado de Peixe várias lojas dos mais variados negócios como Salas de Engenheiros, botecos, escritórios e armazéns de produtos diversos, além de hotéis com pequeno espaço de pernoite.

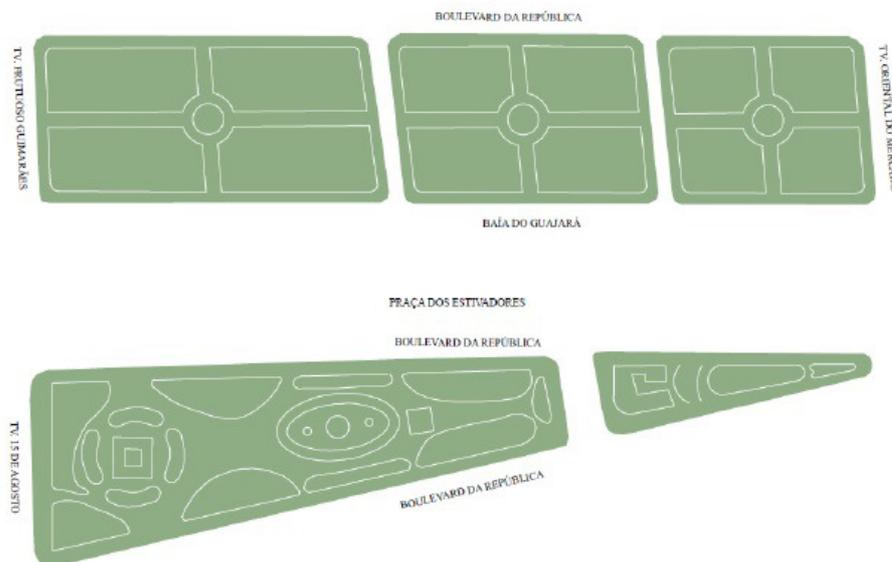


Fonte: M2N Arquitetura Ltda.

Figura 12
Reconfiguração das edificações Quadra 9

Quadra 10

No Relatório de 1897-1902, Lemos informa que o município possui diversas áreas devolutas que podem ser classificadas em dois grupos: as aproveitadas para utilidade pública e as dispensáveis. “Estas são ordinariamente alienadas por aforamento perpétuo, em favor dos particulares; aquelas são beneficiadas constantemente com os possíveis melhoramentos de acordo com os planos da Intendência” (BELÉM, 1902, p. 162). Era no litoral do Boulevard da República que os terrenos que ficavam defronte do Mercado da Carne, aos primeiros olhares de quem desembarcava, que se achavam expostos os maiores volumes de imundícies, deixados pelo arrematante de limpeza urbana e um sem número de objetos, cujos proprietários entendiam fazer do litoral permanente depósito. Na área ao final do *Boulevard da República* é construída uma praça de forma triangular que se adequa a bifurcação desde boulevard defronte aos sobrados e armazéns do novo porto.



Fonte: M2N Arquitetura Ltda.

Figura 13
Reconfiguração das edificações Quadra 10

Quadra 11

Quadra destinada aos armazéns do Porto de Belém, situada entre a TV Frutuoso Guimarães e a TV 15 de Agosto. Foram construídos no *Boulevard da*

República três armazéns destinados ao carregamento de cargas vindas nos navios que aportavam em Belém. Mediam 100m x 20m ocupando extensos quarteirões.



Fonte: M2N Arquitetura Ltda.

Figura 14
Reconfiguração das edificações Quadra 11

Na organização da estética urbana, foram criados alguns “tipos” que compusessem com perfeição e harmonia o espaço das praças e dos jardins da cidade. Um desses tipos foram os quiosques de Belém da *Belle Époque*, construídos no estilo *Art Nouveau*. Esses quiosques eram de madeira e ferro e obedeciam a dois tipos, sendo que os dois eram de secção circular e poligonal. A construção e a organização dos quiosques foram concedidas com exclusividade a partir de um contrato lavrado em cartório com a intendência e o Eng. Francisco Bolonha, a 31 de janeiro de 1905. A concessão foi dada por 20 anos, sendo os quiosques isentos de impostos municipais (SARGES, 2010, p. 182).

Considerações finais do Boulevard

Falar de boulevard, nos remete imediatamente a *Hausmann*, na criação desse elemento estruturante de Paris que funcionava como uma grande reta, numa perspectiva ligada por monumentos, rua larga rodeada por calçadas arborizadas onde se misturam seus transeuntes – residentes e comerciantes, glamoroso, iluminado, edificações homogêneas, espelhos, vitrines, vidros e equipamentos urbanos em ferros em estilo *Art Nouveau*, onde todos que por lá “flanavam”

O Boulevard da República na baía do Guajará: porta de entrada da Amazônia de uma nova fachada

conformavam uma espécie de trajeto histórico lento e um percurso temporal marcado por uma compreensão mecânica do mundo.

A Belém-látex pré-lemista, tanto a capital do Grão Pará imperial quanto a cidade dos primeiros tempos republicanos, já apresentava uma série de avanços modernos. Foi em especial na Belém de Lemos, que essa cidade se mostrava com novas perspectivas, mais atraente, a uma população que se tornara ávida por mudanças, que ansiava por respirar o impoluto ar da “civildade”. Lemos na verdade adotou um espelho de urbanismo do “tipo *haussmanniano*” (PINON, 1995), conforme conceituou *Pierre Pinon*: um urbanismo idealizado para uma realidade amazônica, com condições geográficas, climáticas, governamental e populacional totalmente diferentes de Paris, mas com uma intervenção autoritária, uma imposição de um projeto urbano definido, baseado, também no seu Código de Polícia Municipal.

Não foi um *boulevard* parisiense. Na tese de Marcia Nunes (Nunes, 2017, p. 395), foi denominado de *boulevard-cais*. Um *boulevard* que convergia todo seu olhar a Baía do Guajará onde nele se alocou o porto da cidade. E continuava a ser local de entrada e saída de pessoas e das mais diversas mercadorias. O glamour desse *boulevard-cais* era diferente. Saem às vitrines chiques com seus espelhos e vidros e entram em cena o porto e os mercados da cidade – o Mercado de Peixe e o Mercado de Carne, um empório comercial. No porto o movimento era em função da chegada de estrangeiros, dos estivadores, dos carregadores de produtos, que eram importados e exportados, dos serviços de trabalhadores estrangeiros que traziam a nova técnica de edificação à Belém que se fazia civilizada. Os mercados e as casas comerciais fazem dele uma “praça” onde as relações sociais são produzidas tendo por referência o dinheiro, elo essencial entre os indivíduos modernos. Local em que transitam pela rua pavimentada de paralelepípedos ex-escravos, as classes trabalhadoras, mãos-de-obra importadas para os serviços de infraestrutura da cidade, transitam as empregadas domésticas que vão fazer compra, os portugueses com cesto na cabeça, a vendedora de cheiro e gente que chega do interior, gente que chega do seringal e gente muito bem vestida porque as casas financeiras, as casas aviadoras estavam nesse circuito. Em termos de movimentação social, também era muito diferente de Paris, tem outra identidade. Por conta das atividades comerciais e portuárias ele se tornou um local de circulação intensa da diversidade da população que circulava e de mercadorias, porque tinha casas de tudo ali: casa de

consignações, casas de ferragens, exportadores, importadores, hotéis, etc. todos misturados e convivendo da mesma forma.

Como resultado dessa nova paisagem urbana, o *Boulevard da República* conferiu à cidade *uma nova fachada*, mais adequada ao gosto da *Belle Époque* belemense. Por detrás dessa fachada, com acréscimos de aterros, o traçado urbano colonial foi preservado. Cristóvão Duarte⁹ comenta que em 1977, o IPHAN faz um tombamento surpreendente: é o primeiro tombamento de uma fachada de cidade no Brasil, que vem no ano seguinte da carta patrimonial de Nairóbi, que fala dos sítios urbanos, da importância da preservação, não só dos monumentos isolados, mas dos conjuntos históricos e dos sítios urbanos da ambiência cultural, que foi tão importante na trajetória do IPHAN daí para frente. O IPHAN já havia tombado conjuntos urbanos importantes: cidades históricas mineiras, São Luiz, Salvador. A importância dada a esse Boulevard está corroborada por esse tombamento, que é o reconhecimento de que essa cidade tem uma fachada especial. (NUNES, 2017, p. 395-396)

Esse foi o parecer de Lygia Martins Costa, chefe da Seção de Arte do IPHAN, em 27 de março de 1977, para o processo de tombamento do Ver-o-Peso e áreas adjacentes – Praça D. Pedro I e *Boulevard* Castilhos França onde ressalta que o pedido de tombamento do Ver-o-Peso se dava em razão da onda de demolições que sofria a parte antiga da cidade:

A visita que fiz, no sentido de verificar a conveniência de seu tombamento, demonstrou a necessidade de proteção desse conjunto do maior interesse, mas também de outros logradouros que, embora apresente elementos descaracterizados, mutilados ou de construção recente e agressiva, se impõem ainda, quer como patrimônio histórico-artístico, quer como ambientação imprescindível aos monumentos tombados.

Conjuntos de docas, mercados, ruas com casario oitocentista, Ver-o-Peso é apontado no referido Projeto como “sítio turístico mais importante de Belém”. Constitui-se de fato em elemento único na feição pitoresca, e é ao mesmo tempo centro vital da cidade e síntese do caráter arquitetônico e paisagístico que o século passado lhe imprimiu.

Dessa forma, voltando à imagem de Belém como grã-cidade, como “capital” no início do século XX, percebemos que ela sobreviveu paralelamente à imagem da sua falência. O discurso do paraense de hoje sobre o “ciclo” é, dessa forma, dicotômico, capaz de assegurar a conveniência narrativa de uma ilusão/verificação de fausto e de uma irresistível melancolia.



Fonte: Disponível em: <http://68.media.tumblr.com/447d7499873a03e2ab956986eb75c71b/tumblr_mfr8t6k52t1r3tp9lo1_500.jpg>.

Figura 15

Vista do Boulevard da República, antiga área devoluta transformada em praça para convívio social

NOTAS

1. Com relação à pureza e densidade a borracha para exportação possuía três tipos de classificação: a *sernamby* era classificada como de qualidade inferior, a entrefina e a Pará extrafina, também chamada de fina ou Pará Fine, categoria utilizada nas cotações internacionais para o melhor látex da Amazônia.
2. Sobre modernidade existe uma vasta bibliografia nacional e internacional que tratam mais especificamente destes elementos apresentados no texto deste artigo: CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro na Belle-Époque. São Paulo: Brasiliense, 1986; BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido...* op. cit.; BRESCIANI, Maria Stella M. Metrôpoles: as faces do mundo urbano (as cidades no século XIX). *Revista Brasileira de História*, São Paulo: Marco Zero, p. 35-68, 1985; SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas...* op. cit.; MOURÃO, Leila. *Memórias da indústria paraense*. Belém: FIEPA, 1989; HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988; MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema...* op. cit.; DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do fausto – Manaus (1890-1920)*. Manaus: Valer, 1999; GRAHAN, Richard. 1850-1870. In: BETHELL, Leslie (Ed.). *Brazil: empire and republic, 1822-1930*. Cambridge: Cambridge University Press. 1987; PESSANHA, Andréa Santos. Em nome do progresso: uma sociedade criada por figuras ilustres na Corte lutou pela imigração europeia como forma de preparar o Brasil para o trabalho livre e ‘aprimorar’ os nacionais. *Nossa História*, ano 2, n. 24, out.

2005; VIOTTI DA COSTA, Emilia. *Da monarquia a república: momentos decisivos*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

3. *Percival Farquhar*, um dos mais persuasivos empreendedores do ramo ferroviário na história econômica das Américas, nasceu em 19 de outubro de 1864 em *York*, estado da Pensilvânia. Seus pais *Elizabeth Newbold Jessop* e *Arthur Briggs Farquhar*, eram quacres – membros da Sociedade de Amigos, nova denominação cristã surgida em meados do século XVII na Inglaterra, na época da Reforma Protestante. Farquhar chega ao Brasil em 1904 e trabalhará incessantemente até o início dos anos de 1950. Os empreendimentos realizados por ele se estendem do Pará ao Rio Grande do Sul, passando por todas as grandes capitais brasileiras. É admirável o ecletismo de seus interesses no Brasil: bondes, ferrovias, navegação, portos, hidrelétricas, criação de gado, frigoríficos, colonização de terras, extração e comercialização de madeira, fabricação de celulose e papel, e nos últimos tempos, minério de ferro e siderurgia. Conferir: GAULD, Charles A. *Farquhar, último Titã*. São Paulo: Cultura, 2006, p. 31.
4. Lemos ao assumir a Intendência encontrou os edifícios, ruas, praças e logradouros municipais em péssimo estado, no qual era insuficiente realizar os trabalhos com o pessoal técnico, artístico e operacional da Seção de Obras, necessitando ser criadas frentes de trabalho: “Creei turmas de calceteiros e trabalhadores para reparos, limpeza e aberturas de calçamentos, passeios e ruas, construção de calhas, valas e sargêtas, etc.”. BELÉM. Intendência Municipal. *O município de Belém – 1897-1902*. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15/11/1902 pelo Exmo. Sr. Intendente Antônio José de Lemos. Belém: Typografia de Alfredo Augusto Silva, 1902, p. 51.
5. Francisco Bolonha projetou o jornal *A Folha do Norte* em 1896, na Rua Gaspar Viana.
6. Arthur Caccavoni produziu três álbuns sobre o Pará publicados em 1898, 1899 e 1900.
7. Os primeiros Álbuns descritivos, segundo o autor Daniel Schoepf, foram precursores dos álbuns comemorativos editados mediante interesses das autoridades locais. Os governantes foram agraciados por esse tipo de publicação “com um álbum no decorrer de seu mandato”.
8. Casas exportadoras sediadas em Belém, eram a *Ernesto Schramm*, que representava a *Heilbut, Symons & Co.*, do grupo internacional *Sears*, que logo se tornou líder do mercado norte-americano, sendo ainda no final do século XX a fornecedora de indústrias como a *Goodyear* e a *Pirelli*; e a *La Rocque da Costa & Co.*, com capital misto norte-americano paraense. CASTRO, op.cit. 2010, p. 144.
9. Cristóvão Duarte (informação verbal) menciona sobre o referido tombamento que o IPHAN denominou de Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Ver-o-Peso, o qual abrangia todo o Boulevard Castilhos França até a Av. Presidente Vargas, onde foi suprimida a última quadra: “É preciso lembrar que se vivia um regime de exceção, de ditadura militar, e o Banco central reservou a última quadra para construir sua sede; e o IPHAN foi obrigado a tirar aquela quadra do tombamento sob pena de ter o tombamento depois mutilado pela construção do Banco”.

REFERÊNCIAS

Álbuns

ALMANACH PARAENSE. 1906.

BELÉM da saudade: a memória de Belém do início do século em cartões-postais. Belém: SECULT, 1998.

CACCAVONI, Arthur. *Álbum descritivo anuário amazônico*. Gênova: Fratelli Armanino, 1899. v. 2.

INDICADOR ilustrado do Estado do Pará. Rio de Janeiro: Courier & Billiter Editores. s./d.

Relatórios

BELÉM, Intendência Municipal. *O Município de Belém – 1897-1902*. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15/11/1902 pelo Exmo. Sr. Intendente Antônio José de Lemos. Belém: Typografia de Alfredo Augusto Silva, 1902.

BELÉM, Intendência Municipal. *O Município de Belém – 1903*. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15/11/1904 pelo Exmo. Sr. Intendente Antônio José de Lemos. Belém: Typografia de Alfredo Augusto Silva, 1904.

BELÉM, Intendência Municipal. *O Município de Belém – 1905*. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém pelo Exmo. Sr. Intendente Antônio José de Lemos. Belém: Archivo da Intendência Municipal, 1906.

BELÉM, Intendência Municipal. *O Município de Belém – 1907*. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém pelo Exmo. Sr. Intendente Antônio José de Lemos. Belém: Archivo da Intendência Municipal, 1908.

Bibliografia

A PROVÍNCIA DO PARÁ, 28 de abril de 1906. p.1.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASTRO, Fabio Fonseca. *A Cidade Sebastiana: Era da Borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade*. Belém: Edições do Autor, 2010.

DERENJI, Jussara. A arquitetura eclética no Pará. In: FABRIS, Annateresa. *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel; EDUSP, 1999, p. 146-173

_____. *Ilusão e cor: pintura de interiores na Arquitetura de Belém*. Belém: SECULT, 2004.

_____. *Igrejas, palácios e palacetes em Belém. Roteiros do Patrimônio*. Brasília, DF: IPHAN/Programa Monumenta, 2009.

FERRAZ, Eugênio. *Convento dos Mercedários de Belém do Pará: breve histórico e registro de sua recuperação*. Belo Horizonte: C/Arte, 2000.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Belém dos imigrantes: história e memória*. Belém: Museu de Arte de Belém, 2004.

GAULD, Charles A. *Farquhar, último Titã*. São Paulo: Editora Cultura, 2006.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALE, A. Port of Pará. *Bulletin of the Pan American Union*, Washington, v. 35, jul. 1912.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

MARCAS DO TEMPO: registros de marcas comerciais do Pará – 1895 a 1922. Belém: Secult; Jucepa, 2015.

MOREIRA, Eidorfe. *Amazônia: o conceito e a paisagem*. Rio de Janeiro: SPVEA, 1960.

_____. *Belém e sua expressão geográfica*. Belém: Imprensa Universitária, 1966.

NUNES, Dulcilia Maneschy Coorêa A. *A memória hoteleira de Belém e o Grande Hotel: 1850-1950*. Belém: IBIAH-PA, 2016.

NUNES, Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves. *Rumo ao Boulevard da República: entre a cidade imperial e a metrópole republicana*. Belém, 2017. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará.

OLIVEIRA JÚNIOR, Antonio de. *Amazônia: paisagem e região na obra de Eidorfe Moreira*. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas*, v. 10, n. 3, 2015.

PINON, Pierre. *L'haussmannisation: réalité et perception en Europe*. In: LORTIE, A. (Ed.). *Paris s'exporte: architecture modèle ou modèles d'architectures*. Paris: Pavillon de l'Arsenal-Picard, 1995.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1910)*. Belém: Paka-Tatu, 2010.

SCHOEPF, D. *George Huebner, 1862-1935: um fotógrafo em Manaus*. São Paulo: Metalivros, 2005.

SORRE, Max. *El paisaje urbano*. Buenos Aires: Ediciones 3, 1962.

TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão Pará: instantes e evocações da cidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes é Professora da Graduação em Arquitetura e da Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), em Belém, no Pará. Pós-Doutoranda em Arquitetura na Universidade de Lisboa. Pós-Doutoranda em Arquitetura na Universidade do Porto, em Portugal. Doutora em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano e Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UNAMA.

Como citar:

NUNES, Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves. O Boulevard da República na baía do Guajará: porta de entrada da Amazônia de uma nova fachada. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 15, n. 2, p. 257-284, jul./dez. 2019. Disponível em: <pem.assis.unesp.br>.